

Seminário de Apoio Carlos Augusto Vilas
na sua viagem na Academia Brasileira
de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003

2003-06-26

4ª Parte

Discursos

Um discurso de Carlos Augusto Vilas, no dia 26 de Junho de 2003, na Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Um discurso de Carlos Augusto Vilas, no dia 26 de Junho de 2003, na Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Um discurso de Carlos Augusto Vilas, no dia 26 de Junho de 2003, na Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Um discurso de Carlos Augusto Vilas, no dia 26 de Junho de 2003, na Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Um discurso de Carlos Augusto Vilas, no dia 26 de Junho de 2003, na Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Um discurso de Carlos Augusto Vilas, no dia 26 de Junho de 2003, na Academia Brasileira de Letras, no Dia 26 de Junho de 2003.

Luciano Mota: uma Biografia Afetiva

Angela Gutiérrez

Pequena notícia biográfica de Luciano Cavalcante Mota, na ocasião em que recebe, ao completar 90 anos, Diploma de Mérito Cultural, em sessão especial da Academia Cearense de Letras, realizada no dia 4 de dezembro de 2003.

Pertinho do forte que deu nome à cidade, pela janela entreaberta da sala de visitas de sua casa, o farmacêutico Thuríbio Motta distingue alguma tímida luminosidade que, vindo do lado do mar, filtra-se pelas árvores do Passeio Público, anunciando a manhã que vai clarear. De repente, os sussurros, os gemidos, os passos apressados que atravessaram a longa noite em sua casa... cessam. Um choro forte de menino novo solta as amarras do dia, e o sol enche de luz o quarto de sua mulher, Bella.

– Luciano nasceu, ela lhe diz, e o nome do filho parece-lhe tão natural como chamar chuva à água que cai do céu ou estrela aos brilhos da noite.

Quarto filho do casal, vindo depois de Zeneida, Fernando e Leilah, e só perdendo a caçulagem para Maria, quando já ia pelos nove anos, ninguém pense que Luciano foi menino mimado não. Quem olha agora o homem sábio que completa noventa anos talvez só o imagine entre livros e não vislumbre o menino danado que gritava e batia com os pés no chão nas matinês do Cine Majestic:

Ai, seu Mé, ai, Memé,
Lá no Palácio das Águias, olé,
Não há de pôr o pé.

Menino sem lei que pulava as grades do Passeio Público e transformava os jardins da Caio Prado no seu quintal e no seu reino. Esse menino levava cascudos da Bebel, ama, como a do soneto de Jorge de Lima, que “jaz no último leito”, e que, como os

pais de Luciano e os irmãos Zeneida, Fernando e Maria, dorme. Profundamente, diria Manuel Bandeira.

Pois o menino Luciano deixa as barras de saia da mãe e da Bebel e entra no La Ruche, moderno *kindergarten* da cidade. Em forma! Vem a ordem e a longa fila que leva às salas de aula, canta ou tentar cantar, todos os dias, La Marselaise: Allons, enfants... Na classe, antes de iniciar a aula, é hora, enfim, de cantar o Hino do Brasil.

As voltas que o mundo dá... e a família vai morar na longínqua Aldeota. Enquanto o pai segue a cavalo para sua botica, os meninos aprendem a ler com a mãe, pela cartilha Nestlé: "A: A ama vem com a mamadeira; B: O biberon..."

Com a próxima chegada de Maria, a família se muda para casa mais ampla, à rua General Sampaio, pertinho da praça José de Alencar. O menino de pernas compridas e calças curtas não demora a acostumar-se com seus novos pagos. Atravessa a rua em três saltos, anda mais alguns metros e já está no Theatro José de Alencar, em frente à pracinha ou avenida, como se dizia então. Troca mais uma vez de quintal, não há dúvida, mas o reino é o mesmo – o da imaginação. Nas férias, segue com a família para casa alugada na Praia do Peixe, para os lados do Poço das Dragas. Lá, muitas vezes, o menino Luciano corre das marradas do já famoso (ou famigerado? como inquiria um personagem de Guimarães Rosa) Bode Ioiô.

Se já aprendera as primeiras letras com a mãe, Luciano desasna de vez no Colégio Nogueira, com 9 anos. Experiência luminosa: faz, no colégio, a primeira comunhão, no dia 29 de outubro de 1923, e, desde então, se abriga sob o manto protetor da Mãe de Deus.

Acreditando-se dono do segredo da leitura, busca as palavras incessantemente nas revistas, nos jornais que lê para o avô materno, nos livros que encontra nas estantes de casa ou do colégio, onde o velho prof. Joaquim Nogueira, sempre de luto, passeia sua imperecível tristeza pela morte violenta do único filho.

Luciano, o rapazinho meio tímido que mora na casa do avô, divide o tempo entre os livros e o cinema. Tudo o que ganha no cartório do tio João de Deus, casado com a irmã de sua mãe, gasta

em cinema. Aliás, até calcula o valor do seu salário pelo número de entradas do Majestic e do Rex que o ordenado dá para comprar.

Em 1926, quando a reforma de Rocha Vaz acaba com preparatórios e institui os seriados, Luciano, com 13 anos incompletos, deixa o Colégio Nogueira, que ainda não se adaptara às novas regulamentações, e vai para o Colégio Castelo Branco, bem de frente ao Parque da Criança, que se transforma em privilegiado local de recreio da meninada do Castelo.

Depois, Luciano faz-se moço bonito, esguio e atlético. Frequentando as ondas bravias do mar, nadando da Ponte Metálica à Praia do Mucuripe, e esbanja discreto charme nos bailes do Clube Iracema (como me contam, distintas senhoras da sociedade que aqui me ouvem), disputado por das senhorinhas da sociedade.

Liceano tranqüilo, Luciano não é de se meter em baderna, mas, até sem querer, dela não escapa. Em 1929, o ator Raul Julián convida os alunos do Liceu para um jogo de futebol com sua companhia de teatro, no Prado, atrás do prédio onde hoje funciona a Reitoria da UFC. E acontece que o *team* do Teatro vence a partida e os alunos inconformados atacam bondes e carros. Luciano e seus amigos José Maria (o nosso Moreira Campos!) e Hildebrando Pompeu Gomes de Matos, o Bandinha, seguem, então, a pé, o caminho de casa, quando pára um carro da polícia civil e os leva à força para a chefatura de polícia (que, então, funcionava no atual palacete do Instituto do Ceará). Com um telefonema de Thuríbio Motta à sua prima Violeta, mulher do presidente Matos Peixoto, desfaz-se o imbroglío e os três liceanos, ao descerem as majestosas escadarias do edifício, são aplaudidos como heróis pelos alunos e curiosos que os esperam na Praça do Carmo.

Com 17 anos, Luciano entra na Faculdade de Direito, hoje centenária. E até agora sua sensibilidade para questões de Direito é tão aguda que seu neto Daniel, advogado, costuma dizer: "Que grande jurista o Brasil não teve!" Enquanto aluno de Direito, Luciano toma conhecimento de auspiciosa notícia: o Banco do Brasil abre concurso. Os rapazes afiam a matemática, revêem a gramática, treinam datilografia. Oportunidade imperdível!

Luciano, com outros amigos, contrata aulas particulares de matemática: antes de cada aula o professor pergunta pela moeda

de mil réis. Moeda sobre a mesa, a aula se inicia. Moeda esquecida, não há aula. Na saída de uma dessas aulas, Luciano tem uma visão azul: vê Angela, filha do Dr. César Rossas e de dona Laís Pompeu Rossas, e consegue ser apresentado a ela pelo amigo que o acompanha. Há mais de um ano vira a menina-moça no trem para Mondubim. Fazendo graça, a mocinha imitava seus gestos: mão no queixo, passando as folhas do livro. Luciano volta para a cidade no mesmo trem, na esperança de revê-la, mas como é vida real, nem sempre as cenas dão certo: Angela não toma o trem com sua chaperon, volta para a cidade de cafuringa e os dois não se encontraram. No dia da apresentação, no entanto, diante de Angela, Luciano mal balbucia o próprio nome. Ao afastar-se, porém, anuncia ao amigo: "Com essa menina eu me caso".

Um ano depois, no dia 4 de setembro, casam-se e, hoje, passados sessenta e oito anos, em apaixonada confissão, na missa de seus noventa anos, repete: "Ver Angela e querê-la foi apenas um passo. [...] Entrei a dizer, de mim para mim: ou esta ou nenhuma outra. Era a mulher que Deus me destinara. Os tempos passaram mas meus sentimentos não mudaram."

O homenageado alude, em sua fala de hoje, a uma gaveta de guardados. Andei remexendo, com sua permissão, em sua escrivaninha, e encontrei uma rica miscelânea. Entre os artigos de jornal do Luciano de vinte anos, encontro, de 27/07/36, – "Nazismo e catolicismo" – condenando o racismo nazista e prenunciando: "Por quantas provações, porém, não passarão os católicos da Alemanha até o dia em que dissipadas as trevas..."

Uma raridade: um artigo no segundo número do jornal *O Mondubim* – organizado por Nilo Firmeza, o grande artista plástico cearense Estrigas, como ele mesmo diz, nosso "frentinho" em Mondubim. Escreve Luciano: "O Mondubim é um jornal de jovens e como tal deve se apresentar audaz, revolucionário e sobretudo destruidor de ídolos". E cita Eça:

Aí está o velho e sempre querido Eça a nos dizer, com um sorriso mordaz, ajeitando ao olho o monóculo reluzente que, aos vinte anos é preciso que se seja estróina, nem sempre

talvez para que o mundo progrida, mas, ao menos para que o mundo se agite. Para se ser ponderado, correto e imóvel há tempo de sobra na velhice.

Um artigo instigante: "Sugestão de um sociólogo", no jornal *Nordeste*, de Recife, de novembro/dezembro de 1947, em que lembra a idéia de Gilberto Freyre, anunciada em conferência em Fortaleza e, então, ainda não adotada: a criação de centros de estudos sociais ou regionais. Ao cobrar dos intelectuais a fundação da instituição sugerida por Freyre, analisa questões peculiares da região, propõe a "utilização em larga escala do inventário, alerta para o perigo de "construir" a tradição, salienta o papel de Gilberto Freyre e Djacir Menezes ao estudo da região. No mesmo número do jornal, o mestre pernambucano publica "Modernidade e Modernismo na Arte Política", conferência que pronunciara na USP.

Descubro referências a um artigo de Luciano sobre Henry Koster, visitante de Fortaleza nos inícios do século XIX, na revista *Valor*, organizada pelo já atuante homem de letras, Antônio Martins.

Sem indicação de publicação, deparo-me com um pequeno ensaio: "O Ceará na obra de Rio Branco" e encontro cadernos e mais cadernos manuscritos por Luciano, com sua letra elegante, contendo apontamentos de pesquisas, sobretudo dos anos de 39, 40 e 41, colhidos na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, sobre João Carlos Augusto de Oyenhausen, 1º Visconde e Marquês de Aracaty, Senador Pompeu, Thomaz Pompeu e Pedro Théberge, com anotações para futuros ensaios.

De sua passagem pelo Banco do Brasil, instituição por ele amada e respeitada, folheio belos discursos, um especial, de despedida, em que mostra as razões de sua dedicação à instituição.

Cartas. Escolho algumas: uma de 20/09/1946, em que Luciano, nos seus 32 anos, comenta com seu correspondente:

Somente após a leitura de seu discurso de encerramento do I Congresso Cearense de Escritores foi que me dei conta da sinceridade e seriedade (quase diria sisudez) dos propósi-

tos que animaram os participantes daquele certame. Somente a aproximação de seu pensamento, límpido e original, repassado de uma comoção máscula e sincera, far-me-ia compreender o sentido de afirmação que continha em seu bojo o Congresso.

Discorda, porém, da afirmação do orador de que os escritores seriam responsáveis pelo retorno ao estado de direito:

O Brasil não foi teatro de nenhuma luta pela restauração de franquias. De um dia para outro sucedeu alguma coisa extraordinária. A Nação leu estupefacta a entrevista em que José Américo abriu a válvula de escape do pensamento nacional. Mas contesto que esse direito tenha sido conquistado. Ele nos foi restituído paternalmente pelo mesmo governo que amordaçou a consciência nacional por alguns anos. Tenho que é por isso que ainda não sabemos fazer uso dele.

Leio outra, de Gustavo Barroso para Luciano, de 12/03/1948, em que o autor de *Terra de Sol* desabafa: "Fala-me da ausência de minhas obras nas livrarias daí. Todos os meus livros estão esgotados e *absolutamente* não encontro quem os queira editar!".

Outra, de Luciano a Câmara Cascudo, de 04/08/1939, em que, sabedor de que o mestre se dedicava à tradução do livro *Travels in Brazil*, de Henry Foster, envia-lhe um artigo que publicara na revista *Valor* sobre o viajante e comenta uma nota curiosa: o pedido de passaporte ao viajante em sua travessia do Rio Grande do Norte ao Ceará.

Essas amostras deixam a impressão de que talvez não só as letras jurídicas tenham perdido sua obra mas os estudos literários também. Em compensação, todos os que vivem em torno de sua luz apreendem a sua sabedoria, a sua sensibilidade artística, o seu conhecimento cultural, a sua bondade.

Ao longo de minha vida ligada às letras, como professora, pesquisadora e escritora, venho, insistentemente, realçando a importância de Luciano, meu pai, como minha enciclopédia do saber e da arte e como meu guia na labiríntica biblioteca da vida, como o fiz aqui, nesta Casa, em meu discurso de posse na Academia.

Não tinha 4 anos quando comecei a freqüentar sessões de clube de cinema com papai, confesso que, às vezes, dormi alguns clássicos, mas, sempre, no dia seguinte, ele me contava os trechos que eu sonhara sem assistir. Até hoje, encanto-me com suas finas e sábias observações de cinéfilo inveterado. Pequeninha, eu folheava os livros da biblioteca de meu bisavô e papai me explicava ilustrações, como as de Doré para a *Divina Comédia*. Até onde minha memória pode alcançar, sempre escuto meu pai cantando Noel, Caymmi e, depois, Jobim, Chico e Caetano, ou lendo em voz alta Jorge de Lima, Drummond, Bandeira, Pessoa...ou, pondo em minhas mãos, o infinito: os livros de Monteiro Lobato, Jules Verne, Alexandre Dumas, Conan Doyle, Alencar, Machado, Cervantes, Flaubert, Balzac, Tolstói, Dostoievski, Kafka, Graciliano, Rachel, Cecília, Jorge de Lima, Clarice, Guimarães Rosa... Até onde posso escutar os sons de outrora, ouço seus discos do Jograll de São Paulo, interpretando Ascenso Ferreira, ou um outro precioso, com gravação da voz do próprio Bandeira – “Vou-me embora pra Pasárgada” – e outro ainda do Drummond – “Minha mãe, que vestido é aquele vestido pendurado naquele prego. Minhas filhas, boca presa, vosso pai é vem chegando” – quebrando o silêncio das noites do Mondubim, ou seus discos de jazz, de Bach, de Verdi, de Mozart, e os sons mais próximos dos Beatles e da Bossa Nova.

Nem sabia ler e meu pai me ajudava a passar as folhas de grandes livros ilustrados sobre o Palácio de Alhambra, ou sobre as igrejas coloniais da Bahia ou, ainda, sobre as obras de Aleijadinho nas cidades mineiras de Ouro Preto, Congonhas, Tiradentes... Maiorzinha, soletrava com ele os créditos dos livros de reproduções de pintura: Dalí – ria dos relógios que se pareciam liquefazer; Picasso – assustava-me com as dores de Guernica.

Se sempre me conduziu ao caminho das artes, papai também foi e é um exemplo de consciência de cidadania. Antes que muitos dos temas que hoje visitam a consciência ética do cidadão do século XXI fossem difundidos, papai já os pregava: desde sempre repudiou qualquer tipo de preconceito; antecipou-se às preocupações com a condição da mulher na sociedade, com o problema das então chamadas crianças de rua, com os direitos feridos das populações indígenas, com o problema do desemprego. Du-

rante os anos de trevas da ditadura de 64, abrigou afilhado procurado pelas forças da repressão, defendeu colegas na caça às bruxas que varreu instituições de âmbito nacional, como o Banco do Brasil.

Até hoje, mantém-se atento ao que acontece no mundo e continua exercendo o direito do voto quando o dever, em sua idade, há muito já cessou. No esplendor de seus 90 anos, Luciano, meu pai, pode olhar para trás e dizer: "Combati o bom combate". Melhor dirá: "Combato o bom combate". Há poucos dias, durante missa em ação de graças por seu aniversário, papai explicitou a receita de sua atuante longevidade, pautada, sobretudo, em dois grandes eixos: o amor (que inclui, como ele diz, sua "incapacidade de odiar") e a esperança ou, em suas palavras, "o culto da esperança".

Termino essa biografia afetiva com suas palavras de esperança nessa recente fala:

É nesse pressuposto que afirmo que, antes que eu cerre meus olhos para sempre, verei um Brasil melhor, onde os excluídos acharão seu lugar, as injustiças se tornarão raras, a prostituição moral das elites será cousa do passado, e os homens verão no seu próximo a imagem e semelhança de Deus

Esse homem de luz é meu pai.